

Conferência de Dom César ESSAYAN, Vigário Apostólico de Beirute
MIAMSI, Roma, 22 de março de 2022

1. Enquanto escrevo estas poucas linhas, a guerra está em pleno andamento na Ucrânia. Jornalistas tentam nos mostrar o que está acontecendo no terreno, comentaristas nas redes sociais tentam nos explicar, traçando as causas desse conflito até o início dos anos 90. Falar sobre o Líbano e a situação libanesa também significa voltar tão longe possível a tempo de entender o que estamos passando hoje. Uma das principais perguntas que nos fazemos é a seguinte: como e por que acabamos nos matando no Líbano e ainda mais sem saber como sair das crises causadas pela guerra civil?

2. Não é nada fácil, e menos ainda nas minhas intenções, responder a esta pergunta, por mais crucial que seja, em uma hora. Não posso fazer isso porque não sou especialista nisso. Eu tinha 13 anos em 1975, quando a guerra civil começou no Líbano. Hoje tenho 60, 47 anos se passaram e são as mesmas pessoas ou seus filhos que governam o Líbano, que fazem a guerra e decidem a trégua. Entretanto, muitos dos meus amigos e familiares partiram, alguns emigraram, outros morreram. Fiquei com os que ficaram e hoje como bispo e pároco quero ser um com os fiéis sob meus cuidados, assim como com todos os libaneses e com todos os residentes em solo libanês. Todos nós continuamos, sem exceção, a viver a tragédia e as consequências desta guerra absurda.

3. Quando jovem e hoje como bispo, acolhi as palavras do Papa João Paulo II sobre o Líbano: um país de mensagens. Uma mensagem de país de coexistência, não apenas no nível inter-religioso, mas também ecumênico, como componente essencial e indispensável da identidade libanesa. Mais ainda, anunciamos um Líbano plural de fraternidade e amizade social, modelo de convivência para todo o Oriente e para o mundo inteiro.

4. Para entender melhor esta verdade, devemos voltar a antes de 1975, quando era fácil e natural nos encontrarmos católicos, ortodoxos, protestantes, sunitas, xiitas e drusos lado a lado nos mesmos bancos escolares e universitários, vivendo e locais de trabalho. O uso da filiação denominacional como fator de divisão serviu para nos distanciar uns dos outros, criando conflitos que acabaram levando às guerras que conhecemos.

5. No entanto, ainda hoje, as nossas famílias são muitas vezes constituídas por membros de diferentes confissões que, em nome do amor, sabem viver juntos respeitando-se mutuamente, sem renunciar às próprias práticas religiosas. A afirmação de que as religiões causam guerras é gratuita e só é verdadeira para fundamentalistas.

6. As causas da guerra libanesa devem ser procuradas em outros lugares. Provavelmente no conflito israelo-palestino e nos desígnios israelenses e sírios sobre o Líbano, talvez também em planos maiores para a deportação de cristãos orientais começando pelos libaneses. Ainda me parece verdade que nenhum conflito pode ser posto em ação se não encontrar terreno fértil e cúmplices sem escrúpulos. Eu tinha 8 anos quando ouvi que tínhamos que nos preparar para a

guerra, ou seja, 5 anos antes que ela eclodisse. Durante estes 5 anos, tentamos evitá-lo tanto quanto nos esforçamos para prepará-lo? Duvido e até acho que a alimentamos.

7. A situação atual no Líbano marca o fim de um sistema, o confessional do pacto de 1943, que era trazer o Líbano para um Estado Civil, conforme desejado pela própria Constituição. No entanto, este pacto acabou por sancionar um sectarismo que criou um desequilíbrio a vários níveis. De 1943 a 1975, o Líbano passou por muitas crises que foram ao mesmo tempo avisos da guerra que viria como tantas ocasiões para amadurecer a única e significativa identidade libanesa de viver juntos: cidadania plena com os mesmos deveres e os mesmos direitos para todos Libaneses em relação à sua filiação denominacional no nível de Status Pessoal para aqueles que assim o desejarem.

8. Dois exemplos para ilustrar o que acabei de dizer: além do que todos sabem sobre cargos-chave de poder como a presidência da República, que sempre vai para um maronita, a do Parlamento para um xiita, e a do Conselho para um sunita, as demais funções públicas e especialmente da 1ª categoria também são divididas de acordo com a filiação denominacional. O atual embaixador libanês na Coreia do Sul é latino e deve, dependendo do cargo que ocupa e de seus anos de serviço, já estar na 1ª categoria, mas não é o caso. Ele deve esperar que uma das minorias de 1ª categoria se aposente – ou morra – para poder acessar o que seria seu direito. Em breve ele próprio se aposentará e terá apenas um salário miserável. O segundo exemplo é ainda mais escandaloso. Trata-se do Conservatório Nacional de Música. Estando o presidente do conservatório em idade de aposentadoria, as eleições trouxeram seu segundo para substituí-lo. Mas este segundo é latim. O bispo greco-ortodoxo de Beirute se opôs a esta decisão, argumentando que este cargo de presidente pertence a um greco-ortodoxo, e ganhou seu caso, já que os latinos não contam nada no Líbano.

9. A guerra civil gerou outro mal: um tipo de feudalismo não mais ligado apenas às famílias tradicionais, mas a novos senhores da guerra que se arrogavam todos os direitos sobre seus súditos e partidários: o direito à vida e à morte, ao ódio e à aliança, segundo seus próprios desejos e interesses. Esse mal levou parte da população libanesa a viver no servilismo e empurrou uma segunda parte a emigrar e reduziu um terço ao silêncio e à humilhação. Durante esta mesma guerra civil, as guerras fratricidas (entre cristãos) causaram mais mortes do que aquelas entre cristãos e muçulmanos. Ainda me lembro de meu irmão Alain, meu irmão mais velho por 7 anos, então envolvido na Cruz Vermelha, que nos contou sobre as atrocidades que presenciou. Foi a primeira guerra entre cristãos, e a ordem era não manter nenhum inimigo vivo. Os feridos foram acompanhados e mortos em ambulâncias e hospitais. Ninguém nunca disse a verdade sobre esses massacres. Ninguém jamais reconheceu o mal cometido ou pediu perdão. Choramos para o vencedor e não ouvimos o grito de sangue subindo ao céu. Isso gerou outras guerras fratricidas que não conheciam nem a verdade nem a justiça.

10. A motivação dos rebeldes de 17 de outubro de 2019 é: "Todos são corruptos, sim todos são corruptos!" A corrupção é uma consequência lógica de tudo o que foi dito acima e do que direi nos parágrafos seguintes. Não ter os mesmos direitos, mas apenas os mesmos deveres, transforma o serviço público em poder de dominação e a lei em favor. O neofeudalismo dos

senhores da guerra é um totalitarismo que visa aniquilar todas as liberdades e especialmente a do pensamento. Os novos senhores estão ocupados tornando a vida cada vez mais difícil empobrecendo e escravizando as pessoas. Uma nova escravidão sutil envolta em uma falsa liberdade feita de boates e restaurantes surgiu e cresce desproporcionalmente ao longo dos dias e das noites.

11. As consequências são desastrosas. Não podemos explicar a escuridão em que os libaneses estão mergulhados. Por muito tempo sofremos com a falta de eletricidade que os senhores da guerra completavam com geradores dos quais eles mesmos se beneficiam. As duas empresas de telefonia móvel chegaram a um acordo que exclui qualquer concorrência e, portanto, aumentaram seus preços – que são os mais caros de toda a região – e beneficiam as mesmas pessoas. Eu poderia estender a lista, mas vou para outras áreas de exemplos. Um número crescente de nossas crianças e jovens está caindo nas drogas e na delinquência. As autoridades os reprimem em vez de buscar soluções. Os traficantes de drogas e os responsáveis pelo tráfico de pessoas são livres e protegidos.

12. Mais uma vez: os advogados e os juizes decidiram reivindicar certos direitos. Da independência da justiça a outros direitos, justos ou não, eis a questão. Uns e outros entraram em greve e continuam a fazê-lo durante semanas. A consequência é um número sem precedentes de pessoas sob custódia que esperam há meses para comparecer perante o juiz de instrução e não sabem absolutamente nada sobre seu destino. Acrescente a isso o tratamento desumano que sofrem sem qualquer meio de defesa.

13. O aumento contínuo do número de famílias necessitadas que hoje devem escolher entre alimentos ou remédios, o salário não mais suficiente para pagar e um ou outro. Poucas famílias ainda conseguem pagar as mensalidades escolares. Pagar contas hospitalares é impossível para a grande maioria dos libaneses. Uma última categoria de vítimas são os empregados estrangeiros que trabalham nas casas. Muitos deles já viviam em condições inaceitáveis. Alguns conseguiram regressar aos seus países, outros tentam fugir das casas onde trabalham porque são cada vez mais explorados e outros ainda acabam na prostituição. Cada um de vocês pode completar este quadro... Acredito que vivemos no Líbano o pior do mundo.

14. Poucos dias depois do início da revolta, fui ao centro da cidade com outros padres latinos à igreja de São Vicente de Paulo para celebrar a missa ali. Queríamos mostrar nosso apoio às demandas expressas: não à corrupção, sim a um judiciário independente, sim à eleição de um novo parlamento. Era hora de fazer uma mudança de geração e pessoas no nível de governantes. A igreja de São Vicente de Paulo é a única do centro da cidade que não foi restaurada por falta de recursos. Ela pertence à Sociedade São Vicente de Paulo, leigos que cuidam dos pobres e que sempre se recusaram a colocar sua igreja sob a tutela dos novos mestres do Centro. Durante a homilia nesta igreja semi-destruída, recordei que a corrupção nos afeta a todos, que todos somos corruptos, chamados a converter, que esta igreja se assemelha ao Líbano que precisa ser restaurado. E é de facto a imagem da nossa Igreja que nos chama a reconstruí-la, começando por escutar o clamor dos pobres e respondendo-lhe com coração e generosidade.

15. Pois seria pura ilusão pensar que nossas Igrejas e nossas Instituições permaneceram saudáveis e livres diante desse novo tipo de feudalismo e diante das guerras fratricidas. Deixamo-nos levar por vezes a sentir-nos vítimas e mais frequentemente a ser cúmplices. A corrupção obviamente nos afetou. Essa não é a questão. É antes nos longos anos de ausência de busca da verdade em vista da reparação e da reconciliação que se encontra uma das primeiras missões de uma Igreja testemunhando a morte que atinge seus filhos.

16. A questão é libertar o Evangelho que mantivemos trancado. Como bispo, só posso me fazer a pergunta. Tudo o que eu disse e não disse nas páginas anteriores, em que medida isso influencia minha forma de ver a realidade do meu país e sua história recente? Sou capaz de realmente ler a vida ao meu redor e a minha? A corrupção, que é sobretudo um modo de pensar, de ver, de viver, não contaminou minha leitura do Evangelho? Um grande projeto nos espera: uma releitura e purificação da memória. Sem isso, será mais difícil para o Senhor construir seu Reino. Sim, difícil, mas não impossível. Porque o Senhor nunca quebra suas promessas.

17. Este Reino se faz presente hoje através de presenças humildes e verdadeiras. Algo nos dois depoimentos abaixo pode chocar você, mas eu os reproduzo como os recebi: Perguntaram a um diretor de uma escola cujos alunos são 95% muçulmanos o significado da presença e missão desta escola. Ela respondeu: “Representamos a 3ª via. A primeira é a da escola pública que já está sob o controle de um partido político fundamentalista, a segunda é a do partido que domina a região. Representamos a terceira via, a do livre arbítrio e da liberdade”. O segundo testemunho vem da conversa relatada por um pai muçulmano que foi questionado por um de seus amigos, um pai como ele, e que o repreendeu por mandar seu filho para uma escola cristã. Ele respondeu: “Você estaria certo se fosse apenas sobre assuntos para estudar. O que procuro enviando meu filho para uma escola cristã é sobretudo uma formação humana. E é lá, entre os religiosos, que a encontro”. Liberdade e sentido humano, duas palavras-chave para construir o Reino de Deus.

18. Este Reino se faz presente, hoje e todos os dias, por meio de presenças humildes e verdadeiras. No rescaldo da explosão no porto de Beirute, todos os libaneses, exceto os líderes políticos, mostraram solidariedade para ajudar as vítimas. E a ajuda veio de todo o mundo. É justo reconhecer os sinais da Divina Providência através da proximidade de muitas famílias em todo o mundo. No Vicariato Latino chegaram doações da Europa, mas também, para dar um exemplo específico, do Patriarcado de Jerusalém: refiro-me às famílias de Chipre, de Jerusalém e da Terra Santa, da Jordânia e da Palestina, incluindo a paróquia de Gaza. Hoje, para a Ucrânia, mas também para o mundo inteiro, através de organizações humanitárias e da Igreja, organiza-se ajuda aos mais necessitados. Repito sempre: as organizações não têm dinheiro, são apenas intermediárias entre as pessoas e as famílias. Parece-me uma pena que isso não seja suficientemente destacado. Eu poderia dar muitos outros exemplos onde nossos jovens e não tão jovens são protagonistas de um Líbano que deseja e se prepara para se recuperar apesar de tudo.

19. Penso também nos sacerdotes e religiosos e religiosas que se envolvem na vida quotidiana com cada pessoa, disponíveis para acolher, ouvir, dizer uma boa palavra e levar a ajuda necessária em nome do Senhor. Há muitos sacerdotes e religiosos que dão tudo de si. Gostaria de vos pedir que rezeis especialmente pelos párocos. Muitos deles são mais pobres do que os indigentes que batem à sua porta. O salário de alguns párocos – e muitas vezes são casados – não chega a 50 euros por mês. A maioria não tem emprego. E eles estão lá. Às vezes eles vão pedir ajuda ao bispo ou a um amigo para terminar o mês. Peço-vos que rezeis por estes sacerdotes particulares.

20. A questão que me preocupa é a da nossa Igreja como Instituição hierárquica que parece estar ausente do terreno. Com a revolta, formou-se um grupo de padres, monges e freiras para acompanhar o povo. Eu os encontrei várias vezes e meu coração se encheu de alegria. No entanto, eles não tinham visão, perspectiva, leitura bíblica da situação. Faltavam pastores que os acompanhassem. Nós, pastores, falhamos. Estou cansado de dizer isso. Como disse acima, encerramos o Evangelho e a Palavra de Deus em nossos medos e nossos cálculos demasiado humanos, em nossas políticas e nossas cumplicidades, em nossas corrupções e nossas cegueiras. Uma revisão ao nível dos Pastores é essencial se queremos uma Igreja que liberta e participa na construção do Reino. É tempo de desenvolver na Igreja um pensamento evangélico e teológico específico para a identidade da mensagem do Líbano.

21. No dia 1º de julho passado, o Papa Francisco, que repetidamente advertiu sobre o perigo do desaparecimento do Líbano que conhecemos, reuniu os pastores responsáveis pelas comunidades cristãs. Éramos 9 católicos, ortodoxos e protestantes reunidos em torno do Papa para três encontros de partilha moderados pelo Núncio Apostólico e um momento de oração. Tivemos tempo para discutir juntos pela primeira e única vez sobre a atual situação libanesa, e isso por cinco horas. Três grandes temas: situação política, situação eclesial e qual Líbano para amanhã. Poderíamos ter escutado juntos o clamor dos pobres e oprimidos, poderíamos nos libertar de nossas cumplicidades e corrupções, mas preferimos permanecer fiéis às nossas posições históricas: deixe estar... tempestades.

22. Solicita-se outra leitura. É a dos movimentos que constituem o Conselho para o Apostolado dos Leigos, e que – além da presença libanesa – têm alcance internacional. Esses movimentos, como o MEJ do qual fiz parte, o JIC ou o ACI do qual minha irmã, meu irmão e minha cunhada fizeram e fazem parte, nos permitiram crescer, amadurecer, conhecer o Senhor, compreender a vida, amar as pessoas e trabalhar com desapego, fé e esperança pelo seu Reino. Até a revolta, eram os jovens que faziam a Igreja do Líbano. A resposta aos problemas atuais não veio do Conselho dos Leigos. Alguns movimentos se envolveram, mas foram sobretudo as ONGs que estiveram no terreno. Hoje, muitos dos nossos jovens partiram. Desiludidos, eles foram em busca de uma vida melhor. Poucos permanecem e ainda acreditam em sua vocação enquanto o mesmo povo governar o país.

23. No entanto, todos esperamos com esperança: à espera de uma nova geração de homens e mulheres que saibam fazer a escolha da fraternidade humana e da amizade social. Apesar da guerra civil, dos deslocamentos internos, o Líbano continua sendo essa reserva estratégica de

convivência e permanece, aos olhos do mundo árabe, o lugar por excelência onde esse ideal a que aspiram os povos que o cercam. Já podemos sentir, aqui e ali, em quase toda parte, desejos de encontro e amizade começam a brotar nas escolas, universidades, nos locais de trabalho, entre líderes religiosos e políticos, humildes e modestos talvez, mas eles estão lá.

24. A quem me pergunta onde encontro esperança no Líbano, respondo simplesmente:
"Esperança? Somos nós!"

Obrigado pela sua escuta paciente.